

Atílio A. Borón. *A Coruja de Minerva – mercado contra democracia no capitalismo contemporâneo*. São Paulo, Editora Vozes, 2001.

Por Reginaldo C. Moraes

O cientista político argentino Atílio Borón já é conhecido dos leitores brasileiros por uma coletânea de ensaios publicada há alguns anos: *Estado, Capitalismo e Democracia na América Latina* (editora Paz e Terra, S.Paulo, 1994). *Crítica Marxista* já publicou, também, alguns de seus artigos – um deles, aliás, é versão reduzida de capítulo do presente livro.

O volume que aqui comentamos também é uma antologia. Tem duas partes, um epílogo polêmico e perguntativo e uma entrevista que realizou com Noam Chomski em 1996.

A primeira parte, composta de 4 ensaios, examina o modo como a teoria marxista explica ou *poderia* explicar os desdobramentos daquilo que Boron chama de capitalismo neoliberal. O que o marxismo *poderia* explicar, dissemos: a expressão se aplica porque o autor aponta para aquilo que se precisa desenvolver, na abordagem marxista, para dar conta dos fenômenos recentes. Importa destacar esse aspecto. Boron não teme dizer o nome de seu posto de observação, o marxismo. Mas também não foge ao diálogo informado com o mundo e com as outras abordagens ou modos de examinar os fenômenos sociais. Se escolheu a bela metáfora de Hegel para título do livro, a esta atitude de Boron também se pode aplicar uma paródia do soturno filósofo alemão: a vida autêntica não é aquela que recua diante da morte, mas aquela que a olha de frente e, desse modo, sobre ela triunfa.

A segunda parte do livro reúne artigos sobre problemas da América Latina, mormente aqueles que confrontam democracia e mercado. O binômio conflituoso adquiriu nova importância pelas políticas de “ajuste estrutural” -- ditas orientadas para e pelo mercado, ou “market friendly” -- que têm sido recomendadas ou impostas aos países

devedores pelas entidades multilaterais (Banco Mundial, FMI) ou pelos ideólogos e consultores dos grandes grupos financeiros globais. Curioso notar, de passagem, que há uns trinta anos, pelo menos, esse conflito – mais especificamente entre capitalismo e democracia -- era sublinhado simultaneamente, pela esquerda e pela assim chamada Nova Direita. James O'Connor, para citar apenas um dos nomes à esquerda, colocava a responsabilidade pelo conflito no mercado. A Nova Direita (selo que reúne monetaristas, teóricos da chamada Public Choice, propagadores da Comissão Trilateral, e outras tribos menos votadas) diziam ser a democracia o vilão da estória (e da história): elas seriam necessariamente ingovernáveis e estavam fadadas a operar “no vermelho”, inviabilizando o caminho da humanidade rumo à felicidade prometida pelo mercado. Boron retorna a essa discussão, mas focalizando especificamente as novas manifestações da coisa, ensaiando a saudável atitude que se usou chamar, há muito tempo, de análise concreta de situações concretas.

O livro trará para o leitor inúmeras angústias, esclarecimentos e pistas intelectuais. Alguns prazeres, ainda, pela fluência do argumento, a liberdade do pensar e a elegância do estilo. Mas trará também uma dificuldade, difícil de sanar quando se tem uma antologia de ensaios já publicados em ocasiões e canais diferentes. Em muitos destes ensaios o autor teve que retomar “pedaços” de argumentos que já utilizara nos outros. Assim, alguma sensação de redundância ou recorrência talvez incomode o leitor. Ou talvez eu esteja errado: talvez o leitor se sinta mais informado com esse formato, uma vez que sua memória é “refrescada” pelo algo frequente retorno.

Uma coletânea de artigos dessa natureza, como disse, tem esse possível problema. Envolve, também, a reunião de temas de desigual interesse e desigual densidade. Se cabe

porém um juízo muito pessoal, gostaria de destacar três capítulos que me parecem mais instigantes – e que recomendaria ao leitor examinar com mais cuidado.

O primeiro deles examina o *Manifesto Comunista*. Recupera, com paciência e detalhe, as circunstâncias de seu aparecimento e de sua recepção, na esquerda européia. Em seguida, arrisca apontar aquilo que faz sua impressionante atualidade (as permanências), aquilo que envelheceu (as obsolescências) e aquilo que exige integrar (as ausências). O segundo artigo para o qual recomendo atenção redobrada – “Os novos Leviatãs e a pólis democrática” – é uma tentativa de colocar a teoria política em condições de entender os novos senhores do mundo, “leviatãs privados”, e o modo como enfrentam, esvaziam ou desafiam a democracia. Para concluir, vale demorar um pouco no epílogo: “Uma teoria social para o século XXI?”. Não apenas pelas afirmações que sustenta, mas pelas indagações que levanta (a começar pelo título), uma vez que a formulação da pergunta é elemento decisivo para respondê-la. Afinal, ainda uma vez, a humanidade só se coloca problemas que pode resolver porque a condição de resolvê-los é identificá-los como problemas e equacioná-los devidamente -- tarefa para a qual Boron dedicou o melhor de seus esforços, com a franqueza de não dizer o que não tinha elementos para dizer. Nesse caso, o epílogo é a provável retomada do vôo do mocho de Minerva, que segue, no alto, o caminho que, subterrânea, cava a “velha” toupeira da história.